

Ponto de  
Vista

## MUSEUS PARA A HARMONIA DE CLASSE SOCIAL<sup>1</sup>

*Frei José Luís Leitão, ofmcap<sup>2</sup>*

Dando início a esta minha palestra, cuja temática é “Museus para a harmonia de classe social”, pode-se dizer, antes de tudo, que o tema nos leva a fazer as seguintes perguntas: como é possível a harmonia entre o rico e o pobre, o branco e o negro, o analfabeto e o letrado a partir deste grande bem cultural, que são os museus?

Se o Conselho Internacional dos Museus (ICOM) chegou à conclusão que se pode pensar numa harmonia (de classe) social a partir do setor museal, isto significa dizer, então, que os museus são locais e instrumentos de promoção humana. Locais de promoção humana, porque nos enriquecem de cultura e valores; e instrumentos de promoção humana, porque nos educam para o amor à beleza. São locais e instrumentos, enfim, de promoção humana, porque nos oferecem sempre a oportunidade para crescer apreciando o que há de precioso em cada um.

Esta impostação nova em torno dos museus nos convida a ir para além de uma visão estritamente arqueológica, isto é, de pensar que museu só serve para conservar coisas do passado histórico. É isto também, já que faz parte do espírito dinâmico deste setor o amor zeloso por tudo que diz respeito ao homem, à cultura, à sua habilidade, ao universo, ao patrimônio.

Sendo assim, ir para além desta visão do setor museal significa buscar para o presente histórico o sentido

<sup>1</sup>Palestra apresentada na 9ª Semana Nacional de Museus no Palácio Cristo Rei, sede da Reitoria da Universidade Federal do Maranhão.

<sup>2</sup>Mestre em Filosofia.

Professor do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.

vivo e dinâmico que está por trás da particularidade de cada museu com suas peças, fósseis, artes, pinturas, arquiteturas, pinacotecas etc. E buscar este sentido equivale, portanto, visualizar os museus também na sua esfera semântica.

Por exemplo, visitando o museu Emílio Goeldi, em Belém do Pará, o visitante vê animais aquáticos e terrestres, as espécies de plantas e paus etc. Este museu natural leva o visitante a sentir sensorialmente a beleza da flora e da fauna na criação. Qual é a lição educativa que este museu paraense oferece para uma harmonia de classe social? Que todos nós, não importa o país de origem, “para cuidar do planeta precisamos todos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos hábitos de consumo. Que importa desenvolver uma ética do cuidado”<sup>3</sup>. Que é preciso proteger o meio-ambiente.

Visitando o Museu Pio Clementino no Vaticano, vêem-se esculturas de homens nus e com os detalhes dos músculos do corpo, assim como também o corpo feminino e de anjos. Qual é a lição educativa que estes museus oferecem para uma harmonia de classe social? Que a nudez com seus detalhes são verdadeiras obras de artes que narram a beleza do corpo humano, e não pornografias. Estes museus nos ensinam que a diferença entre arte e pornografia é esta: a arte é expressão desinteressada do espírito humano, cuja finalidade sua é apenas admirar a maravilha do mistério humano; a pornografia é expressão da impudicícia, da baixaria irracional, cuja finalidade é o comércio. A arte contempla a beleza humana elevando-a; a pornografia obscurece a beleza humana diminuindo-a; a arte tem tudo que ver com o humanismo; a pornografia

---

<sup>3</sup>BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela letra**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 134.

tem tudo que ver com o que é desumano; a arte é harmonia; a pornografia é desarmonia. Enfim, a arte une o corpo social; a pornografia desequilibra o corpo social.

Visitando o museu capuchinho Nossa Senhora do Carmo, vê-se que os objetos lá expostos, como vestes sacras, objetos e livros litúrgicos, fotos de frades e dos locais de missão etc., querem mostrar o trabalho missionário dos frades capuchinhos no norte e nordeste do Brasil. Missão esta que começou em 1894 e perdura até hoje. Qual é a lição educativa que esta variante de museu oferece para uma harmonia de classe social? Comunicar-nos o valor do espírito missionário, da dimensão religiosa, da evangelização. Do quanto é importante partilhar com o outro as maravilhas do Reino de Deus. Que Deus é amor, e quando se ama, doa-se, o mundo se enriquece de vida, porque a missão de anunciar o amor de Deus é fonte de harmonia na sociedade. Enfim, este museu capuchinho, assim como outros museus de cunho religioso, quer transmitir à classe social que o único capaz de dar harmonia, unidade e sentido coerente ao homem é Jesus Cristo, e nunca a tecnologia, os meios de comunicação social, a economia e a política. E mais, o museu capuchinho Nossa Senhora do Carmo contribui para a harmonia de classe social “ao propor e realizar ações que contribuem para a educação e formação de crianças, jovens e adultos em diferentes programas, representando, ainda, um espaço de transformação social e desenvolvimentos educacional e cultural da sociedade que resguarda identidades e estabelece vínculos com o passado para fazer conhecer o presente” (conteúdo tirado numa das salas do Museu capuchinho). Este vínculo com o passado exprime o quanto fazer memória é importante na formação humana. Os Museus, neste sentido, são verdadeiras escolas de valorização e harmonização entre o ontem e o hoje.

Pode-se perceber que o aspecto semântico ou do significado que acompanha os museus é o que faz com que estes sejam potencialmente capazes de oferecer harmonia para a classe social, uma vez que a harmonia está sempre apontando para o equilíbrio físico-psíquico e espiritual do homem concreto, seja ele branco ou negro, analfabeto ou letrado, pobre ou rico, europeu ou africano, asiático ou americano, da Oceania ou não. Físico, porque os museus nos proporcionam admirar a natureza, o mundo que está aí à nossa frente; psíquico, porque os museus nos proporcionam o bem-estar mental, são fontes saudáveis de terapia para a saúde; e espiritual, porque os museus nos proporcionam conhecimentos do ponto de vista artístico, histórico, científico, religioso etc. Ademais, porque o sentido do belo e do bem envolve cada museu. E estando os museus para o homem, resulta dizer, então, que o belo e o bem são comuns a todos os povos. Por isso, falar de museus para a harmonia de classe social é pensar numa escala de valores que qualifica universalmente o ser humano pelo simples fato de ser humano. É fazer um discurso humanístico que verdadeiramente promova a sociedade, a classe social, enfim, a todos indistintamente.

Como se vê, os museus prestam um caminho educativo à sociedade, porque são espaços de formação. Não é por acaso que “a Sociedade Maranhense de Cultura Superior – SOMACS –, mantenedora do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão – IESMA –, foi fundada em 29 de janeiro de 1955 com esta finalidade: ‘promover no Estado do Maranhão a cultura superior por meio de um Museu, uma Biblioteca, um Teatro, Faculdades Superiores e uma Universidade Católica’” (Guia pedagógico 2008/2009, p.12). Universidade Católica esta que “nos termos da Lei 5.152 de 21 de outubro de 1966 (alterada pelo Decreto Lei nº 921 de 10 de outubro de 1969 e pela nº 5.928 de 29 de outubro de 1973), foi instituída pelo governo federal

a fundação Universidade Federal do Maranhão, que hoje é a UFMA. A SOMACS se mostra, portanto, guardiã da educação do Estado do Maranhão”<sup>4</sup>.

Se um museu, no pensamento dos bispos do Maranhão, foi historicamente cogitado dentro de um plano acadêmico, em vista da formação cultural deste Estado, isto mostra exemplarmente que os museus são de fato locais que fomentam a cultura intelectual, a cultura espiritual, a cultura artística, a cultura histórica, a cultura científica.

E o que é cultura? “É o mundo do homem. Nela entra tudo o que seu espírito assume, inventa, organiza: filosofia, ciências, artes, economia, política, religião, enfim, toda a trama sociológica do conviver. E mais, a cultura cria entre os homens um laço que também lhes é próprio, determinando o caráter inter-humano e social de sua existência”<sup>5</sup>.

Partindo deste aspecto cultural e formativo dos museus, há de dizer a todos (à classe social) que cultura não se adquire na internet, e sim com estudo, leitura, pesquisa, disciplina e desejo pela verdade. A Internet nos dá informação, não cultura. Os livros, sim, nos dão cultura. Por isso, são insubstituíveis. Esta tomada de consciência é fundamental quando se trata de educação intelectual sólida.

Depois, se faz parte da compreensão de cultura o caráter inter-humano, como já se disse, e os museus são expressões de cultura, então o que os museus proporcionam também para uma harmonia de classe social é o interagir humano e social. Este interagir, que só existe entre o ser humano, porque é relação consciente,

<sup>4</sup> Cf, INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES DO MARANHÃO. **Guia pedagógico**. São Luis: IESMA, 2009. p. 13.

<sup>5</sup> TEPE, Valfredo. Cultura e Teologia. **REB**, v. 46, fasc. 184, p. 740, 1986.

não aceita exclusão, distância, discriminação, desprezo do outro, inferioridade. E não o pode, porque a interação é um valor tal qual o é a harmonia. Neste sentido, os museus, para que sejam meios eficazes de harmonia, devem também, como instituição cultural, proporcionar gratuitamente determinadas datas para que a classe de baixo poder aquisitivo possa fazer suas visitas, e deste modo, experimentar consciente ou inconscientemente a interação, quer seja com os demais, quer seja com o meio ambiente. De acordo com Reis e Pinheiro, “os museus requerem criar condições para que seus espaços se construam como locus de experimentações e de práticas pedagógicas estimulantes, que promovam o desenvolvimento dos patrimônios, pessoal e social em busca de conhecimentos indispensáveis a uma experiência sociocultural sempre renovada, com vistas à compreensão e interpretação do mundo vivido e da importância do saber”<sup>6</sup>. Abrir, portanto, gratuitamente as portas dos museus em determinadas datas, a fim de facilitar a visita à classe menos abastada, que, por sua vez, pensa que museu é só para quem pode, faz parte também deste criar condições. Mesmo porque, dentro de uma compreensão dinâmica de museus, pensar numa harmonia de classe social a partir destas instituições é pensar numa proposta verdadeiramente política. Isto é, uma proposta que, voltada para todos, independentemente de status ou não, venha o bem comum ter espaço naquele espaço qualificado de bem cultural.

Tendo sido já citado o conceito de dinâmico, cabe reforçar agora que “o museu não é revestido por uma função estática, e sim dinâmica, como lugar de conhecimento, de catequese e de espiritualidade e como

---

<sup>6</sup>REIS, Maria Amélia de Souza; PINHEIRO, Maria do Rosário. Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões. *Museologia e patrimônio*, v. 2, n. 1, p. 3-4, jan./jun. 2009.

ponto de organização eclesial, cultural e social”<sup>7</sup>.

A respeito desta dinamicidade, deste potencial que reveste cada museu, cabe aqui ressaltar também o papel formativo dos museus eclesiásticos para a harmonia de classe social.

Jesus disse a seus discípulos: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura”<sup>8</sup>. Depois, disse: “e fazei isto em memória de mim”<sup>9</sup>. Anunciar o Evangelho significa anunciar ao mundo o conhecimento da verdade, dos valores humanos, da vida. E fazer memória, significa transmitir, guardar, conservar fidedignamente o que foi ensinado sobre a verdade, os valores e a vida. Anúncio e memória são dois conceitos caros e preciosos, por exemplo, na história da Igreja Católica, quer seja no aspecto doutrinal, quer seja no aspecto artístico, musical, intelectual, cultural. Doutrinal porque o que se disse em termos de verdade referente à moral e à fé desde os apóstolos mantém-se até hoje; artístico, musical, intelectual e cultural, porque a Igreja Católica, nos períodos críticos da história, como as guerras, a começar pelas do Império romano, converteu bárbaros, fomentou a arte, a literatura, a cultura. Soube, por meio de seus sábios monges, transcrever pacientemente grandes obras clássicas e, assim, guardar a sabedoria de um povo com seu saber filosófico.

Além do mais, constata-se que as grandes catedrais medievais, as igrejas são verdadeiros museus reais a céu aberto, grandes bens culturais em meio à sociedade, independentemente de crença, e que, por sua vez, comunicam ao espírito humano verdades. Por exemplo, Dostoievski, inspirando-se nas belas igrejas ortodoxas que

<sup>7</sup>PIZZIGHINI, Mauro. La funzione pastorale dei musei ecclesiastici. **Settimanale de attualità pastorale**, n. 40, p.4, 2001.

<sup>8</sup>Mc 16,15.

<sup>9</sup>Lc 22,19

costumava visitar, faz esta afirmação: “A beleza salvará o mundo”. Certamente, ele se referia à beleza primeira, que é o verbo encarnado, Jesus Cristo.<sup>10</sup>

Esta intuição de Dostoievsky, a partir destes museus a céu aberto que lhe foram as igrejas ortodoxas, tem algo de educativo no que se refere à harmonia de classe social. Qual é este algo educativo? É a reflexão a ser feita sobre o conceito de beleza sublinhada por ele e o conceito de beleza apresentado pela sociedade de hoje.

Sobre isto convém dizer que a beleza evidenciada por ele é o kalos grego que envolve esta trilogia latina: pulchrum, bonum e verum (o belo, o bom e o verdadeiro). É uma intuição que marca a atitude objetiva. A beleza oferecida hoje vai mais na linha do “belo pelo belo”. É a atitude que marca subjetividade. Daqui nasce esta afirmação: “Se a verdade é sempre bela, a beleza nem sempre é verdadeira<sup>11</sup>” .

Hoje há uma beleza cosmética, artificial, plástica, enxertada. Uma beleza que pretende querer parar o tempo na vida das pessoas e, portanto, rejuvenescer quem está envelhecendo, uma beleza estética que pretende alinhar o corpo, globalizando-o e padronizando-o, isto é, o meu corpo aqui no Maranhão, por exemplo, deve ser como o é daquela modelo americana, brasileira, asiática, européia etc. Nota-se que a beleza oferecida nos dias atuais é uma beleza subjetiva, do gosto. Sinto prazer, logo é belo.

Frente a esta beleza falsificada, que chega a levar à morte alguns, a beleza verdadeira, que se aproxima do conceito de Dostoievsky, passa pela sabedoria a ser adquirida nas fases da vida a partir de uma beleza que busca, além da estética corporal, a estética mental e espiritual. Neste sentido, os museus oferecem bases

<sup>10</sup> PASTRO, Cláudio. **Arte sacra**. Brasil: Casa São Lucas, 1993, p. 103.

<sup>11</sup> Ibid., p. 102-103.

para que haja uma harmonia de classe social ao se nos apresentarem como locais onde não há a beleza padronizada, artificializada, globalizada, homogeneizada, – afinal os museus não são salões de beleza! –, e sim a beleza metafísica, gratuita, memorial, misteriosa, cultural, histórica, artística. Aqui, sim, podemos encontrar o odor da verdadeira e benigna beleza, porque é uma beleza que respeita as etnias, as crenças, as culturas. É uma beleza tal como é, e não tal como quero que seja. É uma beleza, portanto, objetiva, e não subjetiva.

O museu Vaticano é um sinal concreto de que os museus são potencialmente capazes de oferecer harmonia de classe social. Como? Ao constatar uma enorme fila de gente ao lado dos muros do Vaticano para visitar o museu.

Fila esta formada por crentes, não crentes, por etnias e línguas diversas, por crianças, adolescentes e jovens, adultos e idosos, por níveis culturais diversos, enfim, o museu Vaticano é um verdadeiro local de harmonia social.

Todos ali, não interessa a diversidade étnica, cultural e social, se encontram, passam pelo outro, visitam os mesmo locais, e se souberem o idioma do outro interagem pelo diálogo, além do meio em que estão. Na verdade, o Museu Vaticano é um efetivo espaço de harmonia entre os povos, isto por proporcionar aos visitantes do mundo inteiro uma experiência sociocultural em seu recinto, que é um precioso ecomuseu: uma casa na qual habita todo um patrimônio da humanidade, capaz de oferecer ao grande público a estética, a ciência, a arte, as emoções, a espiritualidade, a religiosidade, a admiração.

A Igreja através desta instituição museal assume o ministério de ajudar o homem contemporâneo a reencontrar o 'estupor religioso' diante do fascínio da beleza e da sabedoria dos sinais sensíveis que a história marcou. A ação pastoral da igreja nos bens culturais quer retomar os germes da verdade semeados pelas gerações particulares, reconhecendo neles a passagem de Deus na história dos homens<sup>12</sup>:

A Igreja, portanto, ao se preocupar em retomar em seus museus os germes da verdade semeados pelas gerações, reconhecendo neles a passagem de Deus na história dos homens, está assim promovendo a harmonia de classe social, uma vez que educa os homens de todos os tempos, raças e línguas a apreciar a verdade e a dimensão religiosa que lhes é inerente.

Frente à temática "Museus para a harmonia de classe social", nota-se que os museus têm fundamentalmente uma função social e educativa como lugar de memória e de espaços culturais. Qualquer um, independentemente de classe, casta ou poder aquisitivo, pode enriquecer-se numa visita a um museu. E o pode porque falar de harmonia para a classe social a partir dos museus é falar, de um lado, para o mundo propriamente humano e, de outro, é pensar em algo indispensável na formação humanística do homem. Harmonia é, pois, a nota sinfônica que deve sempre ressoar em meio ao corpo social a partir do toque dos museus. Que todos nós possamos visualizar os museus como verdadeiras escolas dinâmicas de aprendizagem, atualização e amor pelo saber e pela beleza, que remete ao bem e, por conseguinte, à verdade.

---

<sup>12</sup> PIZZIGHINI, op. cit., p.4.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela letra**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 134.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES DO MARANHÃO. **Guia pedagógico**. São Luis: IESMA, 2009.

PASTRO, Cláudio. **Arte sacra**. Brasil: Casa São Lucas, 1993.

PIZZIGHINI, Mauro. La funzione pastorale dei musei ecclesiastici. **Settimanale de attualità pastorale**, n. 40, p.4. 2001.

TEPE, Valfredo. Cultura e Teologia. **REB**, v. 46, fasc. 184, p. 740, 1986.

REIS, Maria Amélia de Souza; PINHEIRO, Maria do Rosário. Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões. **Museologia e patrimônio**, v. 2, n. 1, p. 3-4, jan./jun. 2009.